

Pobres & Nojentas

"Nojenta" é a pessoa que
questiona velhos valores,
cria o novo e persegue vida
boa e bonita para todos



Florianópolis (SC), setembro/outubro de 2006 - Ano 1 - Nº 03 R\$ 4,00

Vozes da luta além do rio da Prata

Argentina tem crescimento econômico, mas não para todos

Música na alma

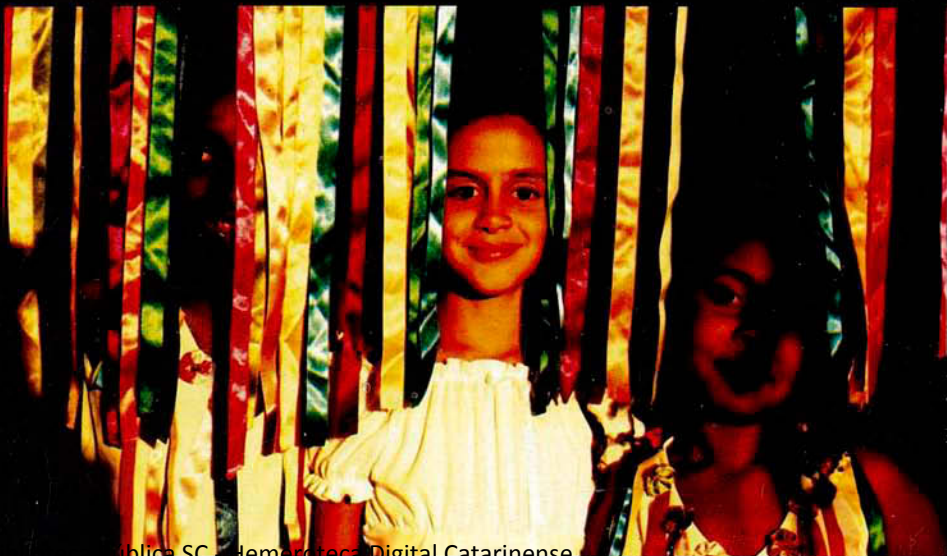
Projeto recupera identidades e raízes

Foto: Helô Espada



Foto: Míriam Santini de Abreu

Quatro
ginásticas
para quem já
passou dos 30



3	Editorial
4	América Latina A longa noite da ditadura
7	Música e arte Pelo corpo fala a comunidade
10	Heroínas Destas Mulheres se pariu a América Latina
11	Viagem A memória de Tulor
13	Crônica Que mofo, que nada!
14	Ossos do Ofício
15	Saúde Esporte mata!
16	Simples O mineiro franciscano
18	(Ante)manifesto das crianças
19	Perfil O Homem do Velho Mundo
20	Poema Aqui
21	Palestina Ao sabor das oliveiras
23	Crônica Muito aquém do jardim
24	Amor Sobre buquês de cebolas
26	Tempo Livre Para quem tem pouca grana



Companhia dos Loucos

*Cooperativa da palavra
libertária, criadora, caminheira.
Não quer lucro, nem fama.
Sonha derrubar muros que
separam e escondem aqueles
que têm a sua palavra calada,
mutilada, censurada, castrada,
quebrada, torturada, em nome
do lucro, do mercado, da
competição.*

Viajeiros da palavra:

- Elaine Tavares
- Eduardo Mustafa Vianna
- Marcela Cornelli
- Míriam Santini de Abreu
- Ricardo Casarini Muzy
- Raquel Moysés
- Paulo Zembruski
- Rosângela Bion de Assis

Jornalista

*Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)*

Endereço eletrônico:

eteia@gmx.net

Projeto gráfico e Editoração

*Rosângela Bion de Assis (MTB/SC
00390-SC)*

Agradecimentos:

- *A Antônio Carlos da Silva, que fez as ilustrações da capa e da contracapa;*
- *A Anderson Gonçalves, que fez a arte publicada na página 13.*

Florianópolis - SC

Pobres & Nojentas completa três edições consolidando, aos poucos, um olhar singular para a realidade de mulheres e homens que fazem a luta no cotidiano, porque a caminhada, afinal, é do ser humano. Nesta edição, jornalistas e cronistas - observadores e historiadores do cotidiano - se debruçam sobre a realidade brasileira e latino-americana.

Aos poucos, chegam mensagens eletrônicas de leitores de todo o país com comentários que nos motivam a continuar. O nome da revista, às vezes, intriga quem

recebe um exemplar nas mãos ou o vê exposto numa banca. Nojenta? Não perdemos a oportunidade de explicar: nojenta, sim, mas no sentido de “metida”, de mulher crítica, que toma posição contra o mal que se torna cada vez mais forte no mundo.

Esta edição vem com a primavera, com as sementes rebentando nas veredas e jardins - flores e frutos de um tempo novo, no qual cabe a nós imprimir desejos e práticas que construam mundos e lugares espaçosos e desejosos de acolher todas as vidas. Ou, ao menos, imaginar que isso é possível. E essa possibilidade de

construir e imaginar é trazida para a revista.

Da Argentina chegam histórias como a de Isabel, que vende milho para os turistas alimentarem os pombos, das duas irmãs artesãs, do poeta que vende postais, buscando um futuro melhor para as crianças. Do Chile, atravessando o rude deserto do Norte, desenha-se a narrativa dos likan antay, o povo atacamenho. E as vidas daqui, as coisas e gentes do Brasil, num dia-a-dia de construção do novo, cujo bem é medido pela altivez e delicadeza das conversas trazidas para os textos.

Elaine Tavares

Miriam Santini de Abreu
Editoras

CARTAS

Agradeço por apresentar-me a *Pobres & Nojentas* - que, no meu modo de ver, de “nojenta em si” não tem nada: tem é de Porreta! Parabéns pela mais que oportuna iniciativa! Ganha o humano, e diz, sem gritar mas também sem deixar dúvida, que um outro mundo é possível, e que já está sendo gestado, ninado, inventado! Parabéns e sucesso!

Justina Inês Sponchiado - Pedagoga, Mestre em Educação pela PUC/SP, Técnica em Assuntos Educacionais no CED/UFSC

Li a revista de vocês e achei a idéia ótima. Mostrar a história das pessoas simples, estas que nunca vão ser lembradas pelos jornalistas. Espero que a proposta possa fazer bastante sucesso.

Luis Antônio de Barros - Manaus

Assim que vi a revista lembrei do filme italiano *Feios, Sujos e Malvados*. Um filme triste, belo, duro, que mostra como vivem as famílias pobres na Itália. O nome é provocante, instigador, incomoda os espíritos. Os textos são ótimos. Parabéns!!!

Leonilda Souza - Belo Horizonte

www.geocities.com/pobresenojentas



Fotos: Miriam Santini de Abreu

Isabel
atende para
turistas na
Praça de Maio

AMÉRICA LATINA

A longa noite da ditadura

Pobres na Argentina lutam para embarcar no crescimento econômico

Por Miriam de Abreu

Tarde de março na Plaza de Mayo, no centro de Buenos Aires, Argentina. Uma turista se aproxima da vendedora que oferece grãos de milho por um peso, pouco menos de um real, embalados em compridos sacos plásticos:

- É para comer?

- Sí, pero son para las pomas!

A venda de grãos para os visitantes atraírem as pombas ajuda Isabel Gonzalez, 66 anos, a alimentar a família. Sentada num banquinho de madeira, a mulher, de rosto redondo e lenço no pescoço combinando com o colete xadrez, se destaca entre as dezenas de outros lenços brancos pintados no chão, simbolizando as mães que perderam filhos ao longo da ditadura.

Em 24 de março, os argentinos foram às ruas para marcar os 30 anos do golpe de Estado que instaurou um

dos mais violentos regimes militares na América Latina (1976 a 1983). Calcula-se que 30 mil pessoas desapareceram. Corpos de opositores do regime eram jogados no rio da Prata em dois vôos semanais conhecidos como “vôos da morte”.

Com a volta da democracia, a Argentina experimentou, como o Brasil, crise intercalada com momentos de crescimento econômico. O final dos anos 80 foi de hiperinflação – 6.000%; em 1991, o governo atrelou o peso argentino ao dólar. A recessão, o aumento da pobreza e a falta de perspectivas explodiram às vésperas do Natal de 2001, ano em que o governo parou de pagar a dívida externa. Num país onde grande parte das lideranças foi assassinada durante a ditadura, a população foi para as ruas em gigantescos “panelaços”, como ficaram conhecidos os protestos. A vi-

olenta repressão parou a Argentina.

O atual presidente é Néstor Kirchner, que derrotou Carlos Menem no segundo turno da eleição de 2003, período difícil na Argentina, com cinco presidentes ao longo de dois anos, todos derrubados pelos protestos populares. Desde a posse, Kirchner teve atitudes que assombraram o Fundo Monetário Internacional (FMI) e investidores estrangeiros. Ele renegociou a dívida externa, congelou, por um ano, o preço dos cortes mais populares de carne – um dos principais produtos de exportação – reestatizou a empresa de água e esgoto da Grande Buenos Aires e revogou leis que beneficiavam repressores no período da ditadura. O país cresce e o presidente tem, com três anos de mandato, 70% de aprovação popular, como revelaram agên-

cias de notícias em agosto.

Mas os ventos do crescimento não sopram para todos. A insatisfação cresce entre boa parte da população que é deixada de lado e faz estalar movimentos populares país afora, como o dos “piqueteros”. Basta fazer o trajeto entre um ponto turístico e outro para entender o motivo. Em bairros como Puerto Madero, os prédios de pele de vidro e as ruas arborizadas abrigam lojas de marca, gente bonita. A vida dos “ricos e famosos” também é luxuosa ao longo dos hotéis e cafés da avenida 9 de Julho, que corta o centro da capital. Na dá para atravessá-la sem ser abordada por homens, mulheres e crianças pedindo dinheiro. Vale peso ou real.

Na praça Lavalle, na frente do encantador Teatro Collon, o vendedor e artista Alberto Croce aproveita a água da torneira de um chafariz desativado para fazer a barba. A meta do dia, conta ele, é achar algum trabalho. Num dos cartões-postais que vende, sua foto divide em duas a frase em espanhol: “Paz no mundo e que os meninos de rua possam ter o necessário para crescer e assim não ter que trabalhar”. De repente, algazarra. Um rapaz passa por ali puxando, metidos em coleiras, quase uma dezena de cães. É uma atividade comum em Buenos

Aires porque há gente que deseja ter bichos, mas não encontra tempo para passear com eles. Então, contrata alguém. Pergunto quanto o moço cobra por cachorro. Ele grita:

- 100 pesos por mês!

A vida está difícil para os pobres, com ou sem crescimento econômico. Por isso é que, diariamente, Isabel e o filho montam a bancada na praça mais famosa do país. Nascida no norte da Argentina, Isabel mudou-se para a capital federal há 14 anos. Ela diz que hoje a situação está um pouco melhor, mas o que falta é trabalho: “Há montes de fábricas fechando as portas. Vejo esses homens e mulheres mendigando pelas ruas... É muita in-

justiça”. O filho Miguel, que acompanha a conversa, comenta: “Do Brasil? Olha, não há rivalidades. Somos todos irmãos, e somos grandes”.

As rivalidades se aguçam num outro lugar. No bairro Recoleta, arborizado, pontilhado de prédios antigos e lojas caras, artesãos tentam vender seus produtos. Nos finais de semana, eles ocupam as barracas na praça Francia, em frente ao Cemitério da Recoleta, onde está enterrada Evita Perón. Moradores ricos não gostam. Mas os artesãos ficam, apesar da pressão e das batidas da polícia. “Aqui vive gente que não nos quer”, diz Lilianna Iannaccone.

Ela trabalha numa das barracas da praça, ao lado das irmãs Nidia e Rita Luna.

“Babás” de cães recebem 100 pesos por mês

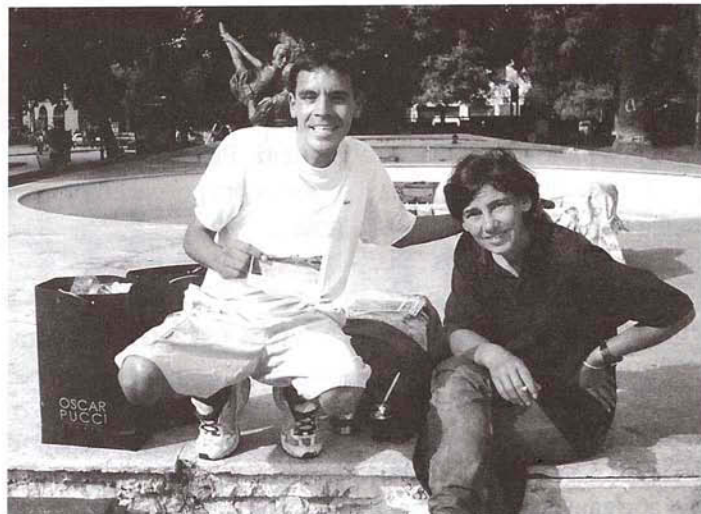


Entidades como a Coordenação contra a Repressão Policial e Institucional (Correpi) denunciam que, de 25 de maio de 2003 até 28 de julho de 2006, 505 pessoas foram assassinadas pela forças de segurança, a maioria jovens pobres.

As duas nasceram na província de La Rioja e, desde pequenas, tiveram que lutar para se alimentar e ter acesso à educação. Nidia conta que sua mãe separou-se ainda jovem e os filhos foram crescendo e saindo da terra natal. Buenos Aires foi o destino da maior parte da família. As irmãs conseguiram qualificação na indústria e trabalho. “Era 1978, ano da ditadura, época difícil porque não tínhamos uma educação militante, mas sabíamos da função social da política”, conta Nidia. E havia o medo. “Dentro do local de trabalho, companheiros militavam e desapareciam”.

A transição política foi vivida com entusiasmo. Pensava-se, recorda a mulher, que era o fim da injustiça e da corrupção: “Mas, desgraçadamente, não foi assim... Teve dor e frustração, caíram os salários e o emprego, e o pior é que, depois de uma certa idade, a pessoa não serve mais para o sistema”. Foi aí que as irmãs decidiram usar a habilidade com o couro e a lã para fazer artesanato. Começou a luta, junto a outros trabalhadores, para se legalizar e ter direito ao espaço da praça. Mais do que isso, para serem aceitos pelos artesãos que já estavam por lá e não queriam concorrência.

A briga com o município e com os vendedores “mais antigos” promete se estender



Alberto: futuro melhor para as crianças

porque depende de licenças públicas. E as mulheres ironizam: o pessoal que vende as chamadas “manualidades” também é malvisto por famílias bem-nascidas que fazem casamentos chiques na igreja de Nossa Senhora de Pilar, fundada em 1732, que fica na praça. Naquele final de tarde, enquanto noivos e convidados saíam sorridentes de uma cerimônia, uma mulher pedia dinheiro para os compradores de artesanato. Com voz quase inaudível, as pálpebras dos olhos caídas, ela explicava aos passantes que precisava urgentemente de 50 pesos para pagar o aluguel ou seria despejada: “Eu não quero ter que dormir na rua, não quero...”

Em 2003, segundo a Procuradoria-Geral e o governo da Argentina, houve 508 seqüestros no país. Em 2006, os jornais noticiaram crimes brutais e mais casos de seqües-

tro-relâmpago. Entidades como a Coordenação contra a Repressão Policial e Institucional (Correpi) denunciam que, de 25 de maio de 2003 até 28 de julho de 2006, 505 pessoas foram assassinadas pela forças de segurança, a maioria jovens pobres.

Além do bairro Recoleta, as agências de turismo levam os visitantes ao estádio do Boca Juniors, no bairro La Boca. Nesses locais mais atrativos, geralmente há casais dançando tango. Turistas acionam câmeras e máquinas fotográficas. Na porta de uma loja que vende artigos para torcedores, uma mulher de saia e blusa simples pede dinheiro. Ninguém presta atenção. Peço para tirar uma foto, mas só. Tenho poucos minutos para ficar ali e nem começo a entrevista. Há dor incontável no rosto da mulher. Só agradeço.

A dor incontável dos pobres



Pelo corpo fala a comunidade

Mulheres compartilham
expressões no projeto popular

Por Marcela Cornelli

Helena, a idealizadora. Dona Maria, a lutadora. Vera, a mestre. Claudiane e Beatriz, as sonhadoras aprendizes. O que uniu essas cinco mulheres? A fé. A fé na vida, no ser humano, em dias melhores, num futuro diferente da difícil vida de quem vive em uma comunidade carente, de quem enfrenta a violência, a miséria, de quem vive à margem de uma sociedade fria, egoísta e vazia de amor.

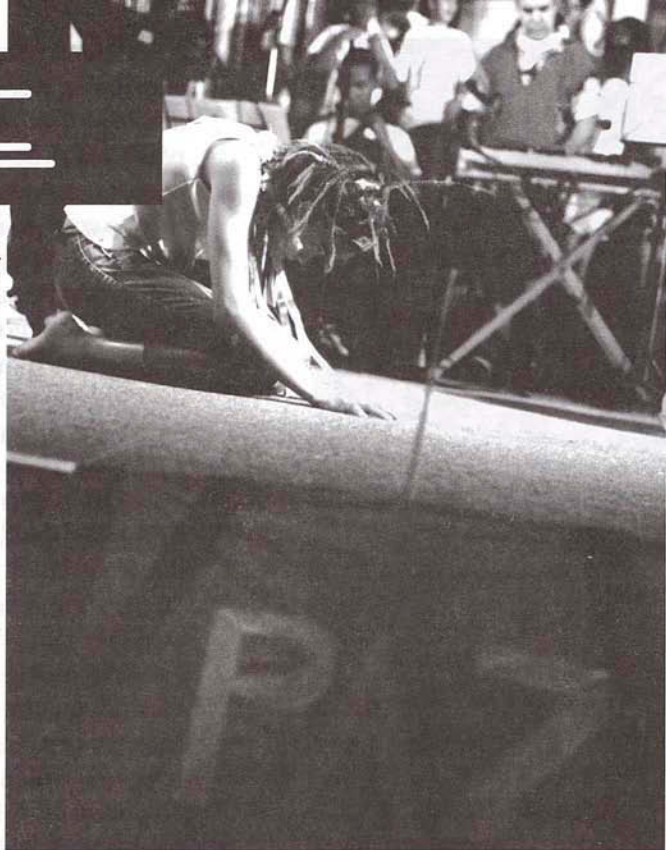
Com uma forte vontade de transformar a vida ao seu redor, através da música e da arte, Maria Helena de Lima, a Helena, mulher que inspirou essa história, iniciou um projeto no seio de uma das mais violentas e pobres comunidades da Grande Florianópolis, onde vivem cerca de 3 mil famílias. Helena vivia com a mãe, o pai e a irmã numa casa no bairro Santos Dumont, ao lado da comunidade Chico Men-

des. Formada em música, ela queria transmitir e dividir seu dom com crianças e adolescentes carentes de sua comunidade e idealizou um sonho que hoje é realidade: resgatar a identidade e a dignidade das crianças através da música. “Tudo começou com algumas aulas de canto e percussão num local cedido por um centro espírita aqui no Chico Mendes”, recorda Maria do Carmo Pinheiro de Lima, a Maria, mãe de Helena, outro personagem importante dessa história de luta.

Sempre ao lado da filha, Maria viu crescer o sonho de Helena. Em 2000, o projeto ganhou nome e se expandiu. O Música e Cidadania, como passou a ser chamado, também incluiu aulas de dança. Mais pessoas somaram-se ao sonho. Surge então outra personagem, a Vera Lúcia San-

tos, professora de dança, que passa a integrar o projeto. Vera ensinava às crianças música afro. As adolescentes, a maioria meninas negras, aprenderam, através da dança, a resgatar e fortalecer suas raízes e identidade. O projeto Música e Cidadania continuou a crescer. Hoje é uma Organização Não-Governamental (ONG), que conta com ajuda e apoio de várias instituições. As aulas também se estendem para outras comunidades carentes como Monte Cristo, Promorar e Procasa, todas na Grande Florianópolis. O projeto cresceu, mas seu espírito continua o mesmo do tempo em que Helena o criou. Hoje ela vive em Porto Alegre e segue trabalhando em outros programas junto a crianças carentes da capital gaúcha, fazendo da música, da arte e da cultura instrumentos revolucionários e de transformação.

Foto: Heló Espada





Acima, Carlos e Fernando

“O sonho do Música e Cidadania não é meu, é de todos que o fizeram e o fazem, é da Maria, do Fernando, da Vera, da Bia, da Claudiana, do Carlos, do José, é do mundo ...”



“O que me moveu a realizar este projeto? Foi querer compartilhar aquilo que a música e a arte me trouxeram: novas perspectivas de vida, poder ouvir o mundo com outros ouvidos, poder olhar o mundo com outros olhos, poder me expressar no mundo de forma mais ampla, sensível, humana, colorida, vistosa, cheia de movimento e de perspectivas, olhar o mundo com a esperança do olhar do eterno artista que guarda em si uma criança”, enfatiza Helena.

“**Como poucos da minha comunidade**, tive o privilégio de poder estudar, fazer universidade de arte e de música. Sempre quis compartilhar isto com as crianças e os jovens da minha comunidade, mostrar a eles um mundo de possibilidades e fazer com que descobrissem em si mesmos uma linda possibilidade. Minha comunidade é linda. O lugar em que nasci e cresci é belo, estético, colorido, cheio de ginga e de movimento, mesmo que muitos só insistam em apenas ver o lado negativo dele. Eu vejo os outros lados”, completa Helena

Nestes sete anos do projeto, nada foi fácil. Depois de um certo tempo, as aulas não puderam mais ser realizadas no local cedido pelo centro espírita. Por achar que a música afro fazia alusão às religiões africanas, o centro achou que não era mais possível que as aulas acontecessem no local. O Música e Cidadania então passou a ter como sede a casa da Maria, que até hoje é uma super mãe, amiga e conselheira de todos. A casa precisou ser adaptada. O quarto de Helena e uma das salas foram transformados em um espaço para as aulas de dança, canto e percussão. Até hoje, antes dos ensaios lá vem a Maria

com uma bandeja cheia de biscoitos para as crianças. “Muitas delas não têm o que comer em casa e chegam aqui com muita fome”, conta. “Algumas destas crianças já passaram por coisas que um adulto nem imagina. Em casa há violência e miséria. Se eu fosse contar tudo o que elas me contam, você ficaria de cabelo em pé”.

Mas não é só com fome de alimentos que as crianças chegam na casa da Maria. “Já trabalhei com crianças de classe média alta, mas nenhuma delas tinha energia igual às daqui. Trabalhar com estas crianças é um aprendizado constante também para nós, professores. O vínculo que se cria é grande. Muitas vezes elas ligam pra minha casa pra contar tudo o que acontece com elas”, relata Vera.

“Não queremos enfatizar a dura vida destas crianças, porque todos sabem o que elas passam. O objetivo do projeto é superior. O que elas vivenciam aqui as ajuda a enfrentar o sofrimento”, diz o atual coordenador da ONG Música e Cidadania, Fernando Alves de Azevedo. “A música é um artifício para chamarmos a atenção destas crianças e adolescentes. Um caminho para que elas venham até nós, se aproximem, se unam em torno de um objetivo, uma maneira de enfrentar os problemas vividos na comunidade”.

Adepto da Ordem Rosa Cruz, Fernando acredita piamente que uma boa ação resulta em outras boas ações, formando uma corrente do bem. “Sei que iniciativas como essas podem às vezes levar o poder público a se eximir do seu papel. E o governo acaba muitas vezes não fazendo a sua parte. Porém, não dá pra ficar parado olhando, indiferente. Um novo mundo

é possível, sim, e não podemos esperar pelos governantes”, opina. “Não espero que políticos que ganhem as eleições façam mais pelo social quando estiverem no poder. Não acredito mais nisso”, diz ele, referindo-se às eleições deste ano.

A professora Vera compartilha da mesma opinião. “Eu acredito em mim, no que posso fazer pelas crianças. Não acredito mais em políticos, em governantes. Se eles quisessem poderiam mudar esta realidade. Não espero muito destas eleições”, desabafa.

“O morro não tem vez, mas se derem vez ao morro, toda a cidade vai cantar”.

Tom Jobim

Beatriz Soares, 14 anos, vive com uma tia na comunidade Chico Mendes. Dona de uma voz admirável, a menina, tímida, alimenta em sua alma um sonho: ser cantora. “O projeto mudou minha vida. Sempre cantava no chuveiro e sonhava sozinha. Agora continuo cantando no chuveiro, mas não canto e nem sonho mais sozinha”.

Claudiana Maria da Rosa tem 14 anos. Vive com os pais numa casa pequena e simples da Comunidade Chico Mendes, que abriga mais 13 pessoas. “Eu adoro dançar. Quero ser uma dançarina ou talvez modelo”, diz. Dona Maria interrompe a fala da menina e lembra que, quando ela chegou ao projeto, era muito impulsiva, tinha rompantes e sempre pensava em desistir diante das dificuldades. Hoje, Claudiana repassa o aprendizado para crianças menores e nem pensa em desistir dos seus sonhos.

“Saber lidar com os milhares de sentimentos da adolescência não é simples para quem tem tudo. Imagine para essas meninas pobres. Os senti-

mentos, a energia, a vitalidade, os questionamentos, tudo vêm em dobro”, comenta Dona Maria.

Carlos Alexandre da Rosa, 17 anos, também foi um dos primeiros a se integrar no projeto, como Claudiana e Beatriz, e hoje é professor de percussão. Carlos trabalha como auxiliar de limpeza, cursa o primeiro ano do ensino médio e ainda consegue tempo para dar aulas no projeto. “Sonho em ser um músico profissional, tocar numa banda. Espero que um dia, numa apresentação, alguém possa me chamar para fazer outros trabalhos”, idealiza.

Fernando lembra que Carlos, Beatriz e Claudiana são exemplos que deram certo, como outros ex-alunos que hoje dão aulas no projeto e também conseguiram alcançar grandes metas. “O projeto faz as crianças verem que outro mundo é possível. Que existem outras possibilidades e saídas que não a miséria em que elas vivem”, afirma Fernando. “Aqui formamos também lideranças que irão atuar na Comunidade amanhã e serão exemplos para outros jovens”.

Fernando lembra, como Vera, que as crianças chegam ao projeto cheias de energia. “Elas acabavam quebrando todos os instrumentos. Batem com muita força para tentar pôr tudo para fora. Se expressarem. O trabalho que se faz com as crianças é para que elas extravasem essa energia toda, suas mágoas, suas alegrias, através da música e de uma maneira positiva”. E finaliza como num tom de desabafo: “Essas crianças podem não ter metodologia e nunca terem estudado música, dança e canto, mas já chegam prontas, cheias de ritmo. O projeto só lapida o dom que elas já trazem consigo”.

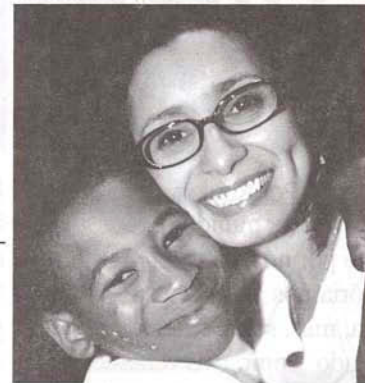


Foto: Helô Espada



Acima, Vera e Helena (óculos) com alunos do projeto e Claudiana e Bia, abraçadas



Foto: Marcela Cornelli

Dona Maria (ao centro) com as crianças do projeto

Destas Mulheres se pariu a América Latina

A história daquelas que fazem Abya Yala

Por Raul Fitipaldi

Neste mundinho dominado por nós, os machos, a história nos descreve, nos retrata, mas, sobretudo, toma cuidado, como avó renascentista, decadente e patriarcal, para que as mulheres estejam, tanto nos livros como na vida diária, submetidas ao esquecimento. Pior ainda, a história está infectada de fadas medonhas com cara de heroínas. Desde as mais recentes ladies Di às mais antigas rainhas bizantinas, que, se não fosse pelas cortesãs, teriam deixado um péssimo exemplo para os tempos atuais. Aliás, alguém se lembra de outras rainhas que não sejam Isabel de Castela e a tal da Vitória? Imperatriz não conta, virou água mineral. Melhor lembrar Cleópatra e Lucrecia Borgia: é menos quente que acudir a Joana D'Arc e menos frio que pensar nos pés de Queen Elizabeth.

Na América Latina, os es-

forços por esquecer às mulheres e sua participação decisiva nos fundamentos da Pátria Grande têm sido desperados. Os machos quase que conseguimos botá-las, a todas, na geladeira da memória coletiva. Quase. Apenas fomos permissivos com algumas artistas de letra e pincel, as atrizes, as cantoras e uma que outra meretriz emergente, que sempre as houve. Já, em se tratando de política, jornalismo (não estou falando de telejornal e programa dirigido ao estimado público feminino de bóbis), poesia menos melosa e mais crítica, ou erótica, análise social, guerras pela independência, batalhas diversas e sobretudo auto-afirmação de gênero, opção sexual, igualdade de oportunidades e salários, a permissão tem se reduzido a Tolerância Zero. Modelito Ruddy Giuliani ou Ângela Amin, que dá na mesma. A dupla macho/mulhermachista tem tomado conta de

todos os cenários e quando uma mulher faz política precisa ser MACHO ou bicho raro. Seja Ângela Merkel ou La Cicciolina (Ilona Staller), que nunca se soube o que é mesmo, além de política pornô (admito que obviei as mais próximas de todos nós e que também fazem política - nem todas masculinizadas por sorte). Digo então que na América Latina há grandes mulheres, muitas e esplendorosamente femininas. Essas mulheres mudaram o continente índio, mestiço, negro, colonial e, por causa disto último: branco, renascentista e MACHO.

Se destas mulheres simples e heróicas, patricias ou lavadeiras, negras ou europeias, indígenas ou mestiças surgiu um primor incomparável, é esse pelo qual militamos e brigamos dia após dia. Esse pelo qual Bolívar, Artigas, San Martín, Pineda, Martí e tantos e tantos outros, se despen-tearam, se apaixonaram, se

exilaram, se mataram de morte brava, da morte lúbrica de lança e poesia, de morte mãe, abraçados a uma bandeira, uma pampa, uma savana, uma selva boliviana. Se destas mulheres surgiram esses sonhos de liberdade e de sangue quente e bravo, é delas que queremos falar, contar, pesquisar. Delas, dessas raparigas nojentas que vieram ao mundo para serem líderes e profetas, guardiãs e coletoras, mulheres e mães.

Pedimos permissão às mulheres destas páginas para, a partir do número 4 de *Pobres & Nojentas*, abrir o verbo de Juana Azurduy, Violeta Parra, Chabela Vargas, Alfonsina Storni, Delmira Agustini, Cláudia Falcone, e tantas e tantas mulheres, meninas e maduras, negras, mestiças, indígenas e brancas, que nos enamoraram desde o primeiro poema até o último e definitivo amor, tanto nos livros como nas guerras.

A memória de Tulum

Povo atacamenho luta para
manter sua cultura viva

Por Elaine Tavares

José Bautista tem 19 anos e vive no ayllu (povoado) de Coyo, bem pertinho da área arqueológica de Tulum, no deserto de Atacama, Chile. Neste povoado estão 20 famílias, todas descendentes dos *likan antay* (atacamenhos), o povo originário do lugar. São eles que administram o parque arqueológico, que revela como viviam as gentes daquela parte do deserto desde há 1.300 anos antes do presente. José é o guia que leva os visitantes por entre os painéis montados em réplicas das moradias antigas. Nas pequenas casas feitas de adobe e palha, tal e qual no passado, estão as memórias de tudo o que aquele povo deixou e que agora servem de reforço à recuperação cultural, artística e cosmológica dos povos originários. Mais adiante é possível visitar as construções originais que estão parcialmente enterradas na areia.

Com seu jeito tímido, mas

carregado de toda a sabedoria ancestral, José conta que a comunidade que vivia em Tulum era, em princípio, nômade. Foi por ter encontrado água naquelas paragens que o povo decidiu ficar. As ruínas mostram um conjunto de 23 habitações circulares rodeadas por um largo muro que tanto servia para proteger das tempestades de areia quanto dos inimigos. Estima-se que 400 pessoas viveram ali. As casas são pequenas e geralmente abrigavam um grupo de 10 pessoas. Eram construídas com barro, tendo no meio um grande tronco, amarrado com pele de *llama*, e todas elas se comunicavam entre si. São redondas justamente para enganar o vento, assim como as janelas e as portas precisam ser minúsculas para evitar a entrada de areia. Diz José que, por causa do frio que faz no deserto, o costume era sempre dormir junto ao fogo,

que ocupava o espaço mais importante da casa. Também se podem perceber nas ruínas pequenos espaços escavados nas paredes que, segundo o guia, serviam para guardar jóias e também comida.

Também é possível que toda a arquitetura de Tulum seja circular por conta das crenças do povo *likan antay*. Eles viam o sol e a lua como forças divinas e, por serem redondas, mereciam ser imitadas aqui no chão de igual maneira. As gentes de Tulum adoravam a natureza, os animais e faziam uso de alucinógenos para entrar em contato com o sagrado. “Quando faziam esses rituais se transformavam em deuses”, diz José. Toda a arqueologia daquela parte do deserto revela uma infinidade de objetos rituais onde as folhas do alucinógeno eram amassadas e dão conta de como ele

Fotos: Elaine Tavares

VIAGEM



O Chile do norte, do deserto, está repleto da vida dos povos originários que exigem respeito ao seu *ethos* cultural.



era usado, no mais das vezes, aspirado.

De Tulor saíram as 14 múmias que hoje estão no Museu de San Pedro de Atacama, criado pelo padre Gustavo Le Paige, um francês que deu a conhecer ao mundo toda a riqueza cultural e

arqueológica dos povos atacamenhos. Mas, apesar de toda a beleza que pode haver em se passear por entre as marcas da história da gente dos oásis do Atacama, nada garante que toda a riqueza cultural seja preservada. Apenas 7% da ruínas estão escavadas, o sistema de proteção é bem precário e ainda tem a ação natural do vento e da chuva. Falta dinheiro para a proteção.

O certo é que, por enquanto, no norte do Chile, próximo à quebrada de San Pedro, ainda está Tulor em todo seu esplendor, mostrando que desde há 1.300 anos, quando

nas paragens européias as gentes viviam a chamada Idade Média, por aqui, na “nuestra América”, havia famílias caçando, plantando, orando e sendo feliz. Em Coyo, bem próximo, ainda vivem os descendentes deste povo originário, lutando para preservar seu jeito de ser no mundo, na harmonia com o deserto, plantando alfafa, pêra e algarrobo (uma espécie de vagem). Ali, José e os seus buscam no passado a força para enfrentar o presente, cheio de políticas neoliberais, estrangeiros que compram terras e as transformam em mercadoria e turistas predadores. O Chile do norte, do deserto, está repleto da vida dos povos originários que exigem respeito ao seu *ethos* cultural. Impávido, ao longe, espia o Licancabur, a montanha mítica, “o cerro do povo” na língua kunza. Ele, que viu os homens e mulheres de Tulor em seu tempo de esplendor, sabe que o mundo gira, mas aquilo que sempre esteve, retorna, de algum jeito, porque vive, intacto nas almas e na pele dos likan antay (povo atacamenho).

PROJETO
AMÉRICA
LATINA
PALAVRA
VIVA

Cursos e Oficinas de Espanhol e Inglês

Projetos Especiais

48-3269-8158 / 9622-9128 / 9606-7971 amlapav@gmail.com

Que mofo, que nada!

Por Rosane Berti

Existem pessoas com os mais variados medos, mas eu nunca tinha visto alguém com medo de poeira. Não daquela que fica nas mãos quando as deslizamos sobre um móvel, e sim dos flocos acumulados, como os que se formam no saco do aspirador de pó. Aliás, foi justamente numa ocasião assim, ao limpar a sala de casa e retirar o acúmulo do recipiente do aparelho, que vi uma grande amiga disparar aos gritos para o seu quarto. Na época dividíamos um apartamento em Joinville, Santa Catarina.

Sem saber o motivo do achaque, se é que posso chamar assim, fiquei boquiaberta e me dirigi até ela. “Aconteceu alguma coisa?”, indaguei, pasma. Os olhos lacrimejantes e a expressão meio aterrorizada evidenciavam a presença do trauma. Mas trauma de poeira? Eu não podia acreditar naquilo. Foi então que ela contou. Não era só a poeira, mas também o mofo e tudo o que remetesse àquela imagem e aspecto acinzentados do bolor.

Certa noite, revelou, ela foi surpreendida por uma brincadeira de mau gosto. Ao chegar em casa, depois de horas sentada em frente ao quadro-negro, em uma escola de Caxias do Sul (RS), abriu a porta. Eis que salta sobre ela um rato. Não um rato de verdade, mas de brinquedo, feito numa das aulas de artes da escola.

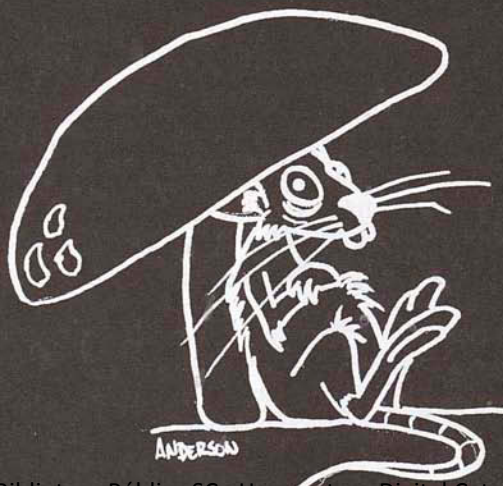
À base de papel higiênico molhado, o bichinho havia tomado a forma dada pelas pequeninas mãos e fora deixado para secar na estante da sala, entre outros brinquedos, livros, boas e más lembranças que a acompanham até hoje. O passar dos dias e

a umidade própria da Serra Gaúcha fizeram com que o bichinho fosse tomado pelo mofo, ficando com aspecto de um verdadeiro rato.

Foi com a implicância peculiar dos irmãos que um de seus maninhos teve a brilhante idéia de assustá-la. Ao ouvir os passos da irmã se aproximando de casa, ele escondeu-se atrás da porta e aguardou ansioso a mão abaixar a maçaneta. Então, jogou o rato sobre sua cabeça. A gritaria foi geral. O mais impressionante é que minha amiga não tem medo de ratos. O trauma ficou pelo mofo.

Ah! Se todos tivessem

apenas medo do bolor. Minha amiga pode até ter outros medos, mas são mesquinhos. Nas empreitadas da vida, é uma fortaleza. Pobre, nojenta e de uma valentia consistente. Um exemplo? Numa das tantas viagens de Santa Catarina para o Rio Grande do Sul, onde nasceu e cresceu, impediu o ônibus de seguir adiante. Ao descobrir que várias latas de produtos tóxicos estavam no bagageiro do veículo para serem transportadas, bateu o pé. “Isso é proibido por lei. Não pode. Estão colocando a vida dos passageiros em risco”, disse, categórica, ameaçando denunciar a empresa pela irregularidade. Tudo diante do olhar incrédulo dos demais ocupantes, admirados com sua postura. Assim, o ônibus seguiu em frente sem os produtos tóxicos e lotado de coragem. Essa foi apenas uma das manifestações de força da minha amiga. Precisaria de muito mais páginas para relatar outros fatos. Que mofo, que nada!



OSSOS DO OFÍCIO

Por Moacir Loth

Dicas nojentas

O que faço aqui também, perguntarão alguns feios e nojentos. O que posso fazer? Ocupo o espaço oferecido gentilmente pela alta direção de *Pobres&Nojentas*. São os ossos do ofício!

“Farsa” sociedade

Carlos Heitor Cony, autor de *Quase-memória*, tem toda razão. Fala-se demais em nome da sociedade. Mas quem é essa sociedade que todas temem? Não passa de uma expressão vazia de sentido, porque, organizada ou não, não consegue fazer nada para melhorar a vida dela mesmo. A própria imprensa, além de falar em nome da sociedade (“organizada e civil”), precisa parar de substituí-la. O que a sociedade pensa disso? Será que gostou do que leu? Com a palavra, os seus representantes... O cidadão tem é que se apresentar! Tem que cobrar a falta, converter o pênalti! O brasileiro precisa parar de gostar de ser gangula...

Síndrome da metrópole

Cult, Entre Livros, Leitura, Panorama Editorial, Discutindo Literatura, Bravo etc. É o autismo materializado. Sobram revistas sobre livros e literatura. Cultivam, no entanto, o velho hábito de grudar o umbigo nos grandes centros, ignorando a produção literária e cultural do interior, inclusive as obras publicadas pelas editoras universitárias. Essa prática ocorre na metrópole e se reproduz nos Estados e municípios. Um dia o preconceito cai. Mas não sozinho. E não basta repetir a máxima surrada de Pessoa e Tolstói sobre a aldeia.

Sem ofender

Seria a Heloísa Helena uma pobre e nojenta?

Exploração repetida

Para ler e comentar. O jornal não cita o nome da “nojenta” ex-funcionária do Santander Banespa indenizada em R\$ 450 mil por ter adquirido LER devido à exploração no trabalho. Não importa. A decisão é do conservador Tribunal Superior do Trabalho (TST).

Não se vá

Jorge Borhausen anuncia que abandona a política depois de terminar o mandato de senador e presidente do PFL. Nem ministro de Alckmin quer mais ser. E agora? Como consolar o eleitorado catarinense diante de mais essa obra do Lula?

Minoria branca

Cronista Marcelo Coelho sugere que os donos do Iguatemi, aqueles que estão construindo o Shopping Florianópolis em cima do mangue da universidade, sejam enquadrados, segundo definição de Cláudio Lembo acerca de elites burguesas, na categoria de “minoria branca”. A Ilha da Magia que se cuida, porque menos dia mais dia o PCC pinta por aqui.

Ossos do ofício

Trabalhou uma vida inteira como escriturário. Ao se aposentar, como já tinha filhos e plantado árvores, publicou um livro. Reuniu, para isso, os ofícios que escreveu no período. *Ossos do ofício* é hoje seu título de cabeceira.

Medo da notícia

O escritor Eduardo Galeano, ao comentar a situação do Líbano, classifica a mídia de “receios de comunicação”.

Inclusão pela palavra

Os jornalistas e os meios de comunicação querem colaborar, verdadeiramente, para a superação do desafio da inclusão social? Então precisam, necessariamente, rever conceitos e enterrar preconceitos. Um bom começo é consultar o livro *Palavras em movimento – O discurso jornalístico sobre o sujeito deficiente*, de Daniella Haendchen (EdUFSC/Univali).

Videntes

Os filósofos Edgar Morin e Jean Baudrillard no livro *A violência do Mundo*, publicado em 2004 pela Anima Editora, anteciparam a tragédia no Líbano. Morin condena, sem concessões, a política criminoso de Israel. “Críticas a Israel são tratadas de anti-semitas. Nessa visão delirante há anti-semitismo na medida em que se ousa criticar Israel”. O massacre da Segunda Guerra “produziu” compaixão e amizade pelos judeus e por Israel. “Por longo tempo, Israel se beneficiou desse sentimento de simpatia. Essa simpatia era dirigida aos judeus vítimas, mas os neo-judeus de Israel estão mais do lado dos carrascos”, denuncia Morin. Ele só vê uma saída: “Uma força de interposição da ONU, com uma intervenção dos americanos ameaçando Israel de cortar a ajuda se eles não negociarem a paz e prometendo, eventualmente, uma aliança com Israel para garantir sua segurança”. Mas com que cara a ONU poderá fazer isso hoje? O isolamento total de Israel no mundo árabe não levará o país ao sucídio?

Esporte mata!

Livro questiona o culto aos músculos, mas critica a vida sedentária

Por Míriam Santini de Abreu

Cada vez que recebia a *Caros Amigos*, eu buscava, faminta, a coluna de José Róiz. O médico mineiro dizia coisas atrevidas nesse tempo de culto aos músculos e às dietas de todo tipo. Mais ainda: ele falava de como bem viver. Morreu em 2003, para lá da curva dos 80, magrinho e sábio. E deixou tudo que ensinou em livro – um dentre outros escritos – republicado pela Editora *Casa Amarela*. O título, *Esporte Mata!*. Indiferente às críticas que recebia e avesso a sensacionalismos, Róiz afirmava: “O homem não foi feito para correr”.

Róiz ensina que nenhum adulto com mais de 25 anos deve fazer exercício violento, mas também não pode ter vida sedentária. O melhor é simplesmente caminhar, e muito, e dançar, hábito que preserva o vigor do corpo e da mente. Além disso, o médico só recomenda o vôlei, mas nunca o competitivo, aquele do atleta. Jogando vôlei, a pessoa caminha e faz as quatro ginásticas que Róiz considera necessárias, aquelas que contraem os músculos posteriores, situados ao longo da coluna

vertebral (veja no box ao lado).

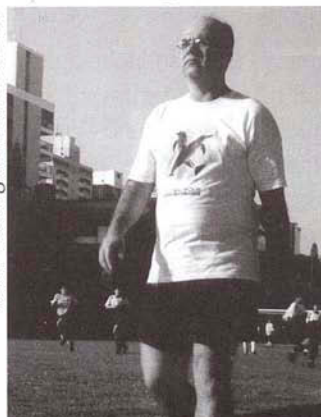
Muitos escritos do médico mostram sua preocupação com o tipo de alimento consumido na vida moderna. Embora não fosse vegetariano, sugeria que as pessoas evitassem a carne, especialmente por causa de doenças como a da “vacca louca”. Para ele, a melhor refeição possível é feijão comum com carne de soja moída, acompanhada de uma fonte de vitamina C, como as frutas cítricas, podendo se substituir metade da mistura por um pouco de arroz e verdura. E o ideal, adotando ou não essa refeição, é ingerir uma pequena quantidade de alimento, evitando o excesso de proteínas, em intervalos de duas horas e meia. Isso estimula a produção de insulina, que “limpa” o sangue, enviando para os tecidos a glicose, a gordura e os aminoácidos das proteínas. Bem nutridas, as células do corpo ficam mais capazes de produzir anticorpos contra as doenças.

Róiz sempre dizia que não teria escrito o livro se não fosse pelo seguinte: a humanidade se divide em dois grupos, os longevos e os não-longevos. Nos longevos, que vivem mais, a insulina predomina

sobre o glicocorticóide, um dos hormônios do estresse. Nos não-longevos, acontece o contrário. O problema é que os longevos são feitos de um “barro especial”, são minoria. A maioria tem dificuldade para nutrir todas as células do organismo. Assim, praticar esportes, se estressar e produzir mais e mais glicocorticóide vai piorar a situação, especialmente se a pessoa praticar musculação ou corrida e ainda tiver problemas de coluna ou de coração. Gilberto Vasconcellos, que faz o prefácio do livro, resume bem o pensamento de Róiz: “Foi contra a grife globalizada do mundo: esporte não é vida. Nem saúde”.

RÓIZ, José. *Esporte Mata!* São Paulo: Editora Casa Amarela, 2004. 178 p.

Foto: Rosângela Bion de Assis



Ginásticas necessárias

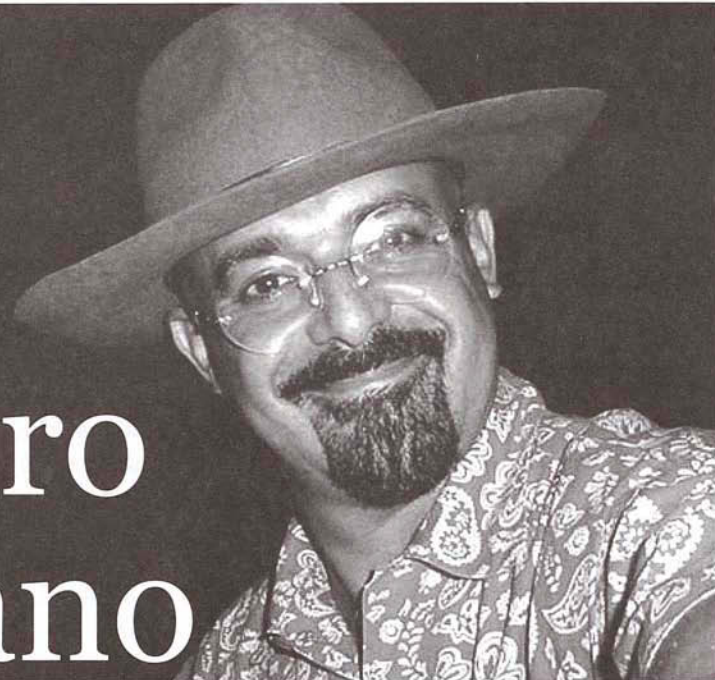
O exercício de flexionar vinte vezes diariamente a cabeça para trás corrige o excesso de flexões anteriores que a maioria das pessoas quase faz permanentemente. Para fortalecer os músculos da parte ínfero-posterior do tronco, deite de costas e eleve as nádegas, aproximando-as uma da outra cinquenta vezes ao dia. Julgo também conveniente realizar flexões laterais do tronco e o exercício de elevar os dois braços estendidos acima da cabeça, vinte vezes por dia. Parta da posição reta e, alternadamente, incline o tronco para os dois lados, de modo que a mão correspondente à inclinação do corpo toque a perna com a ponta dos dedos e a outra se eleve no sentido contrário.

As flexões laterais do tronco têm a vantagem de evitar o enrijecimento da coluna que aparece com a idade e comumente se observa nas pessoas muito idosas. Muitos velhos caminham sem nenhuma flexibilidade do corpo, movimentando somente as pernas. A elevação dos braços estendidos até a altura das orelhas traz a vantagem de movimentar a articulação do ombro, geralmente pouco exercitada. Suponho que a falta deste exercício contribua de algum modo para o aparecimento da bursite.

As quatro ginásticas são recomendadas para as pessoas que já passaram dos 30 anos de idade e devem ser praticadas ininterruptamente.

(Trecho extraído do livro *Esporte Mata!*)

O mineiro franciscano



As crianças libertarão os adultos e todos brincarão nos jardins

Por Elaine Tavares

Quando ele chega é como se uma luz dourada pairasse à sua volta. Tem a doçura da criança e a mansidão do velho. Está sempre a inventar brincadeiras como se a vida - dura na realidade - fosse mesmo um imenso jardim. Seu riso baila na sala como um ruído de cristal, limpo, quase divino, mesmo quando conta uma de suas muitas piadas sujas. Nunca se rende à dor, nem nos momentos mais difíceis. Chora, é verdade, e muito. Mas não se entrega ao sofrimento. Apenas sente, deixa que rolem as lágrimas e sobe, na busca do esperado meio-dia. Sabe que a tristeza dói no outro.

Leopoldo Nogueira é mineiro de Belo Horizonte. Tem a beleza das “geraes”, a terra de Marília e Dirceu, de Drummond, terra que abrigou Cruz e Souza em suas horas de morte. Nasceu no ano de 1960 e, na infância, pouco sentiu os terrores da ditadura militar. Menino, brincava na rua, ora soltando pipa, ora olhando para o céu e se encantando com a beleza da vida. Leitor contumaz, era rato da biblioteca do avô. Da mãe, artista plástica, ganhou o gosto pela arte e, na escola, era comum vê-lo nas peças teatrais. Tinha grande facilidade de articular os conteúdos e logo

começou a se questionar sobre as coisas do mundo. Como ser? O que fazer? Que vereda seguir para ajudar os outros a serem felizes? Essas eram as preocupações do garotinho que ruminava as diferenças entre os seres, no caminho entre a leitura de um Tio Patinhas e um Schopenhauer.

Entre as leituras que fez, uma delas lhe tocou a alma: era sobre a vida de Francisco, o de Assis. Tanta ternura lhe deu aquele homem que não teve dúvidas. Disse: vou ser franciscano. Então, toda a sua vida caminhou nessa direção. A ideia de ser padre não vingou, ficou para trás, mas o conceito de franciscanidade, não. Seguindo essa senda foi parar em Alto Paraíso/Goiás, numa comunidade alternativa, onde trabalhou como professor e no apoio à crianças abandonadas. Dali seguiu para o interior de Minas onde queira fazer faculdade de Artes Plásticas. Mas a universidade sempre lhe foi um peso. “Deviam oferecer disciplinas e a gente ir escolhendo. Assim como é, parece uma prisão”.

Bicho livre, não conseguiu ficar na rotina das coisas inúteis. Golpeado no corpo e na alma, desistiu

da pequena cidade do triângulo e veio encher de magia o sul. Chegou a Florianópolis em 1996, direto para a Universidade Federal, onde foi trabalhar na Agência de Comunicação. Ativista dos Direitos Humanos, foi logo inventando coisas para discutir uma vida de paz. Mas sua alma de menino-artista tampouco conseguiu sobreviver em meio à aridez acadêmica. Pediu demissão e foi viver sem vínculos. Hoje sobrevive com alguns trabalhos que faz como artista gráfico. Não têm sido fácil, muitas são as experiências “desencantantes”. “Eu fiz o caminho inverso do que fez Cruz e Souza, saí de Minas, e vim pra cá ficar sem terra, sem árvore, sem lar, nesta Ilha do Desterro, onde no mais das vezes a falta de arte e cultura, de abraços, jardins e flores acabam matando a gente aos poucos, enterrando na tristeza”. Só que como não se rende, Leo segue o caminho, teimoso, apesar de estar morando de favor na casa de um amigo. Franciscano na prática, ele não se importa em não ganhar dinheiro, e tampouco fica chateado em mendigar. Acredita que as pessoas devem reparar o que têm. Por isso, quanto tem, reparte. Agora, diz, vive seu tempo de receber. “Já fiz de tudo nessa vida e acredito na solidariedade. Quando eu tinha dinheiro, eu repartia. Acho que todos têm direito de ter acesso a tudo o que o conhecimento humano proporciona. O amor franciscano, aquele do Cristo primitivo, precisa ser uma coisa concreta.”

Leopoldo acredita muito que a grande beleza está lá, “em casa”, ou na outra vida. E, enquanto ela não chega, ele vai contando histórias, compartilhando sua alegria de menino-artista-velho-amoroso com aqueles que são capazes de entender. “Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça”, diz. Defende com unhas e dentes a espiritualidade histórico-dialética, ou seja, essa com a qual o ser humano pode compreender e perceber as outras dimensões em que se manifesta, interligado e integrado à vida universal, e pela qual possa se manifestar no universo e nos pluriversos tantas vezes desconhecidos pelas vãs filosofias, religiões, até as ciências, inclusive as “ocultas”.

Assim, nesse mundo de dor/sorriso a esperança de Leo são as crianças. Acredita, como Nietzsche, que é nelas que está a possibili-

dade de um novo tempo. Por isso, agora que voltou à universidade, a pedagogia que estuda e professa é a da libertação. “Hay que escolarizar-se, pero sin perder a ternura jamás”, diz, parafraseando Che, com aquele seu risinho mineiro. Crítico da escola, busca no seu fazer cotidiano encontrar respostas para uma nova educação, que não formate, que não oprima, que não mate a criança interior. Por isso, inventou um (ante) manifesto, que está em construção. “Ele foi inspirado no Manifesto Comunista, de baixo pra cima. Eu entendo a importância que aquele manifesto teve naquele período histórico, mas penso que hoje devemos contemplar em nossos corações as indignações para o despertar da Criança Interior, capaz de fazer a verdadeira revolução, talvez a única possível: a de nossos próprios corações, que se entenderão uns com os outros nas dimensões em que interagimos.”

Dividimos com todos essas idéias, para que comunguem e retornem. O manifesto não está pronto. Precisa de ti! Da tua criança... Então? Avante!!! “Esse `manifestarmos` quem somos, apesar de tudo o que nos quer “apagar”, é a fonte de inspiração desse Manifesto das Crianças: mãos em festa, em obra, escarafunchando a Terra, acariciando um rosto, enxugando uma lágrima, dando-se à outra mão/Criança para passear junto pelos campos”.



(ANTE) MANIFESTO DAS CRIANÇAS

As crianças têm toda a infância a perder se não soltarem a imaginação e abrirem as caixas de brinquedos para libertar a Esperança como uma pandorga livre no ar. Têm um mundo a sonhar e realizar como seus.

Crianças, coloquem em primeiro lugar, como ponto fundamental, a questão de se apropriarem de todas as terras para plantar flores e grãos com suas pás, baldes e regadores. Finalmente, unam-se para que todos as entendam em todos os países.

Em resumo, sejam a favor de tudo aquilo que as coloque a caminho dos jardins que esperam a revolução das estações com suas alegrias, com o sol, a lua, as estrelas, a chuva, o vento, o tempo.

Borboletas, abelhas, minhocas, passarinhos, todos se aliam a favor de seus sonhos. Em lugar dos antigos blocos de cimento duro ou asfalto seco, associem-se a cada um para que todos possam correr livres pelos jardins e campos à espera de sua vida.

O seu poder, crianças, está para converter a secura das paisagens em florestas e bosques perfumados de doçura e sorrisos. Desapareçam, como que por encanto, todos os seus medos quando vocês se derem as mãos para isso. Sim, isso poderá se realizar em dez passos como no jogo de amarelinha, pé-ante-pé, indo das tristezas das paisagens que lhes foram dadas até além, onde o céu se põe em espetáculo de cores. Vamos, se abracem. Pulem!

As crianças arrancarão de seus

Crianças de todo o mundo, uni-vos!

corações, pouco a pouco, todas as ervas daninhas que lhes foram plantadas pela tradição das escolas, como tem acontecido através dos séculos. Isso não acontecerá novamente neste maravilhoso jardim-de-infância.

Do mundo antigo há árvores que lhes foram mostradas lindas, como a da liberdade, a da justiça e tantas outras que jamais lhes foram dadas para brincar. Mas, em seu jardim, todas as novas árvores estarão verdes na primavera para vocês balançarem em seus galhos, e se deitarem às suas sombras nos dias de calor. Venham, tragam suas sementes para plantar de novo aquela Esperança.

Uma nova história começa a partir de sua semente. Que nos canteiros de flores sejam desmarcadas todas as fronteiras de sua meninice, para que seja conquistada a amizade entre todos, numa só pátria de solidariedade como flor desabrochada por seus anseios.

Meninas e meninos, tragam seus gracejos e sua vida! Venham com todos os seus brinquedos fazer casinhas nas árvores, reencontrar uma família de irmãs e irmãos que compartilhem a vontade de recriar os laços de ternura e afeto. Brinquem, que as árvores e o jardim são de todos.

Inventem suas novas formas

de brincar, esqueçam-se das pilhas e dos manuais de instruções de cada jogo que lhes foi ensinado. No amor e companheirismo dedicados uns aos outros poderão ser descobertas outras maneiras de contar e fazer histórias. Sejam livres para fazer a sua linda história de amor e solidariedade.

Crianças, que seus corações estejam abertos para compartilhar a riqueza de idéias e ideais de cada um. Que o futuro seja construído a partir de seus sonhos de ventura. Repartam, de mãos cheias de alegria, os abraços e cuidados para com tudo e todos. Construam, assim, seu mundo novo.

As flores e os frutos deste jardim são abundantes. Juntem suas mãos para colher mil buquês, façam suas cestas para depois irem repartir estas alegrias plantadas e descobertas. Repartam este jardim aos outros, chamem mais crianças para brincar, que estes campos são para todos. Unam-se.

Deixem os bancos enfadonhos das escolas que transformam as crianças em peças de máquinas, e dispersem-se pelos canteiros em busca do que aprender com seus novos amigos. Ah, crianças, abram suas asas da imaginação para tocarem-se e repartirem o que têm aprendido. Subam às árvores, iniciem hoje este processo de compartilhamento destes sonhos.

Continentes inteiros esperam sua chegada, crianças, para que da terra brotem as esperanças adormecidas. As cidades mortas, as casas vazias de temuras, as estradas poeirentas, os campos aguardam sua vinda. Espalhem-se, recriem a natureza à imagem e semelhança de seus sonhos. Que a solidez das flores se desmanche no ar, em bem-te-queiros através dos seus perfumes.

Ah, crianças, que as manhãs de seus sonhos façam cair os véus das antigas e tristes noites de quando seus sonhos lhes foram retirados. Sejam corajosas, vivam seus ideais, despertem da sonolência que lhes foi imposta pelos contadores de uma história que lhes tirou a dignidade e os finais felizes. Em cinco pétalas e palavras: acordem, brinquem, vivam, realizem, sonhem.

Sorriam ao compartilharem suas flores, sentem-se à grama e recriem seus brinquedos. Inspirem as outras crianças adormecidas a brincarem também. Quando elas ouvirem suas gargalhadas saberão que podem se juntar à brincadeira e realizarem as vontades de sua imaginação.

Crianças, um mundo despedaçado em ruínas espera sua chegada para que novas formas de viver em alegria recriem a beleza para as futuras estações. Um tempo de pás, de baldes, de regadores, enxadadas, foices e martelos para que sejam derrubadas todas as cercas, muros e portões que as separavam de seus sonhos.

Crianças do mundo inteiro, uni-vos!

O homem do Velho Mundo

Por Raquel Moysés

Do alto, o vizinho que conserta o telhado de casa o vê. O homem joga numa pequena fogueira restos de sua história. Cada página que lê, cada capa de antigos cadernos que acaricia, com dedos nodosos, antes de lançar as folhas às chamas, puxa o fio da memória, e ele chora. As espessas lágrimas caem sobre o peito nu, exposto ao sol da tarde, até esbarrarem no ventre engrossado pelo descuido dos anos. Os cabelos ralos já perderam qualquer vestígio da cor original. Só o corado do rosto guarda os anos da meninice, passados em uma cidadezinha perdida no interior de terras germânicas.

Cenas da vida vivida se sucedem em instantâneos de felicidade e dor, enquanto o velho acarinha com os olhos a letra regular, feminina, que povoou de palavras tantas páginas, algumas agora quase desfeitas. Elas contavam significados em línguas que a mulher que as escrevera compartilhava com meninos e meninas aos quais ensinava alemão, francês, inglês, italiano. Mas a madre língua dela era mesmo a tcheca, que tentara legar aos três filhos nascidos do casamento com o jovem alemão.

No princípio, ele estivera apaixonado pela irmã dessa que se tornaria sua esposa. Mas como a moça o recusara, o destino acabou ligando o casal de estrangeiros.

A segunda Grande Guerra golpeou o início da união e o rapaz foi obrigado a se tornar soldado. Aterrorizado com o desenrolar da tragédia, o casal tentou escapar do horror. Só ele conseguiu, todavia, embarcar no navio rumo a terras sul-americanas, enquanto ela, grávida, ficou esperando o sinal de que pudesse alcançá-lo.

As lágrimas escorrem livres pelo rosto do velho enquanto recorda cenas de sua juventude. Os primeiros duros tempos no Rio de Janeiro, a chegada da jovem mãe ao porto, com o bebê nos braços. A ida da pequena família para o litoral sul do país. O trabalho pesado na oficina. A ajuda da mulher nas salas de aula e em lições privadas de línguas. A alegria de se mudar para a nova casa de madeira junto ao mar que, nos anos da infância dos filhos, era uma lindeza, limpinho, transparente... Aquele doce perfume de maresia também ficou para trás. Da praia agora exala o cheiro fétido

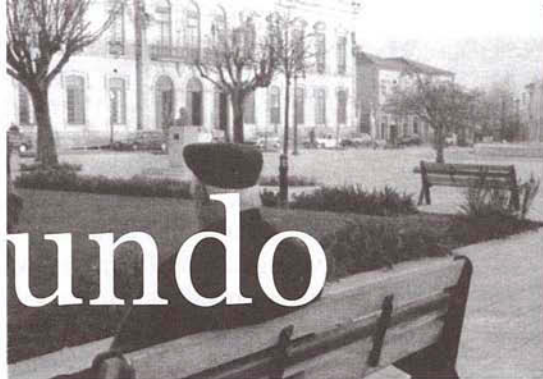
do esgoto, mas o velho não consegue deixar de amar aquele lugar rodeado de plantas, que a mulher cultivava com amor, e que ainda preserva o inconfundível aroma de pertencer a uma família.

É verdade que a família de outrora não mais existe. Tudo mudou desde que partiu a companheira de mais de 50 anos de convivência. A longa doença a enfraquecera. Pálida e perdida em lembranças, sofria, lúcida e silenciosa, a perda do sentido que mais a ligava ao mundo. Já não podia caminhar, mas o que a magoava profundamente era não mais poder ler e escrever.

No dia em que ele, trêmulo, viu o seu vulto desaparecer “na extrema curva do caminho extremo”, uma filha do vizinho o vira chegar, alquebrado, e chamar do portão. A cabeça baixa, os olhos marejados dispensavam palavras e tudo o que pudesse ser dito parecia inútil. Ele buscava apenas algum conforto no abraço prolongado dos amigos. Era, talvez, somente um gesto simples de acolhida fraterna de que precisasse na noite fria de outono em que a mulher o deixava. E ele que sempre acreditara que atravessaria antes dela a ponte para a outra margem ...

O vizinho olha do telhado, em vigília. Teme pela vida do velho que dissera, dias antes, já ter pensado em dar um fim rápido e limpo em tudo. Bem que ele avisara um dos filhos que vive nas redondezas, mas isso não o tranquilizava. Sabia que a solidão rondava aquela casa escondida em meio ao verde, apesar de as vozes sonoras das netas vez ou outra anunciarem outra presença além daquela dos cachorros e dos gatos. Nos tempos passados, os bichos eram uma comunidade numerosa naquele quintal. Sempre havia sopa de peixe para todos eles.

Em meio aos antigos móveis e tantos significativos objetos de família, sentado na velha poltrona coberta por toalhinhas, que fora o cantinho de leitura dela, vez ou outra o velho ainda se anima a pôr para



PERFIL



tocar, no aparelho antiquado, os seus discos de vinil. Os tentáculos daquele mundo globalizado de que tanto falavam as revistas que recebia da Europa, e que lia com avidez, tinham alcançado, todavia, a velha morada junto ao mar. Nas longas tardes e intermináveis noites, os olhos azuis sonolentos já podem ver as imagens dos canais estrangeiros e até algum da terra natal captados pela televisão a cabo.

Ele pode se permitir esse luxo com a pequena aposentadoria que recebe do país de origem, mas não consegue, nem quer ir além, nesse mundo moderno. Cartão de crédito é outras coisas estranhas dessa tecnologia que confunde, não contam nada para ele. As suas despesas são modestas e uma surrada sacola de feira, daquelas listradas, é suficiente para trazer do supermercado os alimentos que o sustentam. De vez em quando ainda prepara o próprio pão, tarefa que assumiu quando a mulher adoeceu.

O velho chora, enquanto as chamas consomem restos do seu passado, mas não perdeu a altivez. Sente que o corpo já não responde como no passado. Mais de uma vez o filho chamou a ambulância durante crises de hipertensão. Mesmo passando dos 80 anos, contudo, o velho não hesitou em fazer uma cirurgia indicada pelo médico. É nesses momentos, potencialmente extremos, que mais sente falta do filho que mora longe e que vê poucas vezes. A filha, a mais nova, o

visita nos finais de semana. Algumas vezes vem com ela a neta. Lembra, com melancolia, os dias ensolarados em que a menina, pequenina, percorria a praia segurando a mão da avó esguia e atenta, que a ensinava a pronunciar palavras de sua língua materna.

O velho nunca conseguiu falar a língua brasileira com desenvoltura. O idioma emprestado lhe sai fragmentado, intercalado por verbos no infinitivo, lhe é difícil conjugá-los corretamente. A filha do vizinho fica angustiada de não poder vê-lo expressar-se livre, leve, na sua língua original. Pressente a força que emanaria daquele ser se pudesse comunicar a essência de sua cultura.

Ele, porém, aparenta ter aceitado viver pela metade sem dramas. Não ser reconhecido na sua inteireza parece não incomodá-lo. Aquela parte obscura para os outros é a identidade que preserva, talvez, com zelo sagrado. Só ele mesmo sabe quem é.

Do telhado, o vizinho lança um último olhar para o homem que joga na fogueira as derradeiras folhas que recolhe da caixa de papelão. Antes de descer, lança um último olhar ao velho curvado sobre o passado e, só agora, depois de tão longos anos de vizinhança, se dá conta da dolorosa humanidade do senhor Klaus. Então o vizinho do homem que veio do Velho Mundo sente subitamente o peso do tempo. Amordaça um soluço e, comovido, desce, um a um, os degraus da escada de madeira.

Aqui

Por Rosângela Bion de Assis

Aqui a vida não é simples,
nem para quem é simples.
Aqui não há tempo para a paisagem.
Aqui os que tem tudo,
não tem nada
e os que não tem nada,
vivem a espera de tudo.
Aqui as crianças trabalham,
os adultos têm preço,
e os animais estão presos.
Aqui não é possível saber onde
termina a ilusão
e onde começa a realidade.
Aqui a água tem sabor,
o ar tem cheiro
e as mães têm medo.
Aqui nos ensinam a cooperar,
a aceitar
e a calar.

POEMA

Foto: Rosângela Bion de Assis

PALESTINA

Ao sabor das oliveiras



Fotos: Leopoldo Nogueira

Lutadores sociais em Florianópolis protestam contra o massacre ao povo palestino e libanês

Quando a dor é tamanha que é preciso partir...

Por Elaine Tavares

O mundo assiste há meses o ataque de Israel sobre o Líbano, com o mesmo e velho pretexto de caça ao terrorismo, tão usado por seus parceiros, os Estados Unidos. Mas o que acontece no Oriente Médio é uma agressão contra todo um povo que quer ser livre e soberano. O Líbano, que há pouco conseguiu se livrar das garras da Síria, comete um pecado original. Fica no caminho para o Irã, país que os Estados Unidos querem destruir. Além disso, dá guarida aos palestinos que fogem do massacre promovido por Israel desde o final dos anos 40. É um conflito político, de luta por terra e poder. Nada a ver com questões religiosas como querem alguns. Nesta disputa, milhares de homens e mulheres são expulsos de casa, à força, e amargam um êxodo. É o caso das famílias palestinas que, fugindo da morte, buscam guarida em outras terras. A história que narramos abaixo é uma só, mas pode ser a de qualquer menino que hoje ainda espera por um tempo feliz nas terras palestinas.

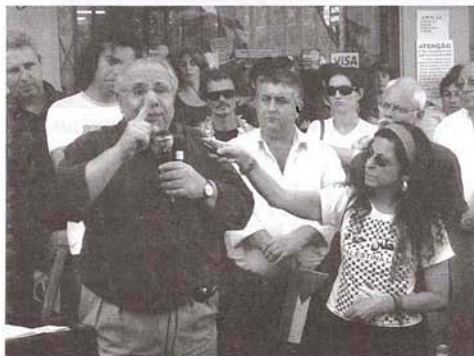
Ele era um garoto de nove anos quando viu sua casa ser tomada pelos soldados. Os olhos graúdos, bem pretos, arregalam ao lembrar da imagem do imen-

so tanque em frente à porta, a voz ríspida mandando sair, o desespero da mãe, das irmãs. A família, acuada, pegou o que deu e fugiu, tendo como companhia apenas dois camelos. Deixou para trás a casa grande, os olivais, o jardim. Deixou para trás um país. O garoto era Ali Armad Zaid, palestino, nascido em Ramallah, Palestina. Naqueles dias, ele ainda não compreendia bem o que se passava, embora já tivesse visto a mesma cena acontecer com outros vizinhos. Ocupado desde maio de 1948, quando a ONU criou o estado de Israel, o país de Ali já não existia mais. Sob a força das armas e da opressão, uma a uma, as famílias eram obrigadas a deixar suas casas e sumir, abandonando tudo o que tinham.

Naquele dia de 1967, Ali e a família atravessaram o rio rumo à Jordânia. E, até hoje, não lhe sai das retinas a cena de um dos camelos se afogando, levando junto o pouco que conseguiram carregar. Chegaram ao campo de refugiados dias depois, praticamente sem nada, a não ser seus corpos e algumas roupas. Foram anos duros, vivendo em tendas improvisadas, sem água, comida ou paz. Haviam perdido muito, mas

o que mais doía era a perda da identidade. Não tinham país, não tinham lugar. Eram estrangeiros, sem direito a voltar para casa. E foi nesse cenário que o menino cresceu.

Trabalhando nas obras da construção civil, o coração do pequeno Ali ansiava por uma vida que ultrapassasse as fronteiras das tendas de refugiados. Deu duro, batalhou e, dos 14 irmãos, foi o único que chegou à faculdade. Já cidadão jordaniano, ele se formou em Engenharia Civil e tudo estaria bem se não fosse uma indefectível melancolia pela Palestina e a intervenção do presidente estadunidense. Com a primeira guerra do Golfo, mais refugiados chegaram à Jordânia e o desemprego deu um salto. De novo, Ali perdeu tudo.



Seu sonho era voltar para casa, mas como? Tudo seguia igual na terra ocupada.

Como uma de suas irmãs viera morar no Brasil, ele não pensou muito. Já estava casado, tinha dois filhos. Não ia fi-

car ali, esperando mais desgraças. Embarcou num navio e fez mais uma travessia. Ao chegar, as dificuldades apareceram. Clandestino, não sabia falar, não podia trabalhar como engenheiro. O jeito foi seguir a carreira imemorial: mascate. E assim foi, vendendo tecidos e muambas do Paraguai. Mas desgraça pouca é bobagem. Dois anos depois de chegar ao Brasil foi pego pela Receita Federal, numa de suas vindas do Paraguai. Amargou sete meses na prisão, fichado como contrabandista.

Não fosse a ajuda dos patrícios e familiares, ele teria desabado. Mas a mulher e os filhos já estavam aqui e ninguém mais queria saber de sofrimento. Voltar para a Jordânia não iriam. Só que a lei brasileira não foi muito boa para a família Zaid. Em 2004 saiu o processo que expulsava Ali do país. Ele estava na justiça e ficou. Aqui, ao longo desses anos, conseguiu encontrar um lugar de paz. Arranjou trabalho fixo, tem um pequeno restaurante, em Florianópolis.

lis. Os filhos sentem-se brasileiros, estão na escola, têm amigos. Não querem voltar para o não-sabido. Ali também quer voltar a estudar, validar seu diploma, voltar a ter uma vida.

Ali também está na luta pela criação do Estado Palestino. Daqui, tão longe, faz pouco, mas faz. Quer ver o seu povo tendo direito a um lugar para viver, uma identidade, um passaporte. Ele acredita que judeus e palestinos podem viver na concórdia, cada um com seu espaço. “A Polônia lutou por 100 anos e conseguiu, nós também vamos voltar para o mapa”. Ali não quer o terror, os homens e mulheres-bombas, a dor. Ele quer que tudo isso pare.

Quando vê na televisão os olhos apavorados dos palestinos diante dos tanques e das armas, ele volta a ser aquele menino que fugiu para a Jordânia, e estremece. Quando sabe dos aviões israelenses que destroem casas, que matam velhos, crianças e jovens todos os dias, ele sofre. Ali sabe que desde a última intifada mais de 2.500 palestinos foram mortos, 70 mil foram feridos, 36.500 casas foram destruídas, 400 mil árvores arrancadas e 10 mil pessoas seqüestradas. Isso é terrorismo, mas não é notícia. Agora, quando um garoto, cansado de viver na dor, resolve dar cabo da própria vida num ato de profundo desespero, isso é manchete. “Eu mesmo, se vivesse lá, o que faria???”.

Os palestinos, na sua terra ocupada, resistem. Os que vivem fora, na esperança da liberdade, denunciam. E lá, na terra santa dos judeus, muçulmanos e cristãos, o estado de Israel já violou mais de 500 resoluções da ONU, tendo como padrinho os EUA. No Brasil, Ali e a família esperam. Que a lei os deixe ficar e que, lá, na terra de seus antepassados, brote o estado Palestino. Que Jerusalém não tenha fronteiras e seja a capital da paz. Ali e os seus esperam, na saudade, e lutam. Dia virá em que poderão voltar e sentir, outra vez, o doce cheiro dos olivais. Sem medo, sem tanques, em paz!

Os palestinos seguem vivendo a violência de ver seu povo morrendo pelas mãos do estado de Israel. Em Florianópolis existem várias famílias de palestinos vivendo e lutando. Aqui, contamos uma única história, que é a de tantos, e que mostra a dor e a vontade de que, um dia, se possa, de novo, ser feliz na Palestina. E que ela seja livre e soberana!!!

Muito aquém do jardim

Por Míriam Santini
de Abreu

Jardim faz pensar em sebes aparadas, flores perfeitamente enfileiradas, nada fora do lugar. Prefiro os canteiros ou hortas, como se diz em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha. É uma mistura de flor, pé de limão e laranja, cebolinha, salsa, arruda, mastruço se arrastando na terra, uma videira cheia de cachos no verão. Lugar que recebe, jogados da janela de casa, cascas, arroz raspado da panela, pipoca velha, tudo misturado e depois coberto para bem-tratar a terra. Como é bom fazer voarem porta afora os caroços de pêssego e as cascas de uva! Salvem os canteiros!

Mas tudo isso parece estar sumindo. Antes, as casas davam para a rua, e na parte de trás se cultivava a horta. Agora, cultiva-se o concreto. A seção de hortigranjeiros dos hipermercados está subs-

O que mata um jardim não é mesmo alguma ausência nem o abandono...

O que mata um jardim é esse olhar vazio de quem por eles passa indiferente.

Mario Quintana

tituindo os canteiros. Que pena... Toda vez que caminho pelas calçadas e avisto uma ponta de verde atrás de uma varanda qualquer, paro e contemplo.

Tomei esse gosto desde pequena. Acho que é culpa da Tia Cide, batizada Egida Giordano Alberti, que fez 91 anos em março passado. Metade da casa de madeira onde ela mora há anos, perto do centro da cidade, é contornada por um canteiro em formato de L. Toda vez que visito a tia, irmã de minha avó Antônia, peço para ir ao jardim. Ali há algo de mágico, profundamente vital.

Talvez seja a influência da Nossa Senhora da Gruta, cuja imagem se destaca em meio a pedras salpicadas de conchas brancas; ou o banco de madeira que ficava escondido entre as folhagens; e ainda as ripas finas e grossas empilhadas jun-

to a um depósito. Mas a completude desta magia precisa das mãos de Egida.

De tardezinha, ela percorre os caminhos da horta para tirar o capim, afogar a terra das violetas e azaléias, colher os frutos maduros. Depende da estação. “Cada um tem seu cantinho”, diz a tia, que volta e meia substitui espécies de flores por outras. Eu, que não consigo fazer vingar nem um pé de feijão, penso que há um tocar de fadas naquelas mãos claras, ou um feitiço vegetal nos olhos azuis...

Esse ato de fazer brotar sementes traz à memória um fazer brotar mineral. A avó da tia Cide é Luigia Carolina Zanrosso Eberle, a Gigia Bandeira, ou Luiza Funileira, apelido dado pelos vizinhos da época. No longínquo ano de 1886, Luigia, que era casada com Giuseppe Eberle, apren-

deu a moldar folhas-de-flandres para fabricar e vender lamparinas, canecas, baldes e bacias. O tempo, ela dividia entre a funilaria e os cuidados com a casa e os dez filhos. Era a dupla jornada de trabalho nos primórdios da colonização de Caxias.

Já a Tia Cide vem de família de onze filhos. Ela lembra que, no Natal, em vez de brinquedos, ganhavam um tostão e uma banana, e os enfeites da árvore natalina eram doces. Em 1936, Cide se casou com José Alberti, italiano de Vicenza, que conheceu num baile. Tiveram três filhas.

Em julho passado, visitei a tia e pedi para ver o jardim. Folhagens, alguns frutos, temperos e umas florezinhas coloridas desafiavam o frio do inverno. A antiga parreira, uns 70 anos, e a figueira estavam secas. Mas vão dar frutos no verão. Que falta me fazem os canteiros...



Sobre buquês de cebolas

Quando a mulher não ouve o essencial

Mas a beleza sempre está acompanhada da tristeza. Os chineses sabem disso: há sempre o yin e o yang, positivo e negativo.

Por Newton Tavares

Diversas vezes eu escrevi sobre o amor. Coisa linda escrever sobre o amor. Assunto fácil, cheio de leveza. Mas também polêmico, sempre pronto a várias interpretações, peixe escorregadio... Em todas essas vezes eu pude usar todo o rigor da interpretação racional. Brinquei com as palavras. Eu podia. Falava de um pássaro que voava em outros horizontes. Hoje é diferente. Ele pousou sobre mim. Abriu suas asas dilacerantes e acolheu minha totalidade de sentido: “Estou aqui, sinta, vou revirar seu mundo de cabeça para baixo.” Eu estremei. Sempre estremeço quando ele chega. Também amei. Sempre amo quando ele pousa. Mas o pássaro é danado, gênio forte, indomável. Inútil

qualquer resistência. Sei disso, já o conheço. Somos como aqueles velhos amigos que se encontram de vez em quando para uma cerveja. Brindamos a vida, falamos do cais adormecido e, outra vez, voltamos para nosso mundo sério e opaco do gabinete, do escritório, da vida diária.

O cenário era um bar: ela estava na minha frente. Altar. Lugar da hierofania. Com ela assim tão perto já não havia mais necessidade de rezar o Pai-Nosso, pois o reino já tinha chegado. Eu falava da beleza, da poesia, do apenas vislumbrado. Citei Fernando Pessoa, Cecília Meirelles, Mario Quintana... Todas essas distrações dos deuses. Movido pelo mesmo pássaro que um dia pousou sobre eles,

eu a enchi de poesia. Falei sobre o mistério. Como é possível que um beija-flor possa parar no ar? Milagre. Como na história do Eduardo Galeano (que agora não lembro onde li) eu também fiquei impotente diante da imensidão: “Vovô! Me ajuda a olhar?” Não suportei ver tanta beleza sozinho.

Mas a beleza sempre está acompanhada da tristeza. Os chineses sabem disso: há sempre o yin e o yang, positivo e negativo. Ela escutou estarecida, sem entender nada. Mais do que isso: sua resposta foi: “Zé! Você precisa voltar ao mundo real, viver mais” Que pena. Não entendeu nada. Não leu Mario Quintana. Não leu Nietzsche. Não se apaixonou por Fernando Pessoa. Confundiu o real com o empírico,

historicidade com temporalidade. Vive somente do real. Se tivesse amado Novalis ele a ensinaria o óbvio: “A poesia é absolutamente real. Esta é minha filosofia: Quanto mais poético, mais real”. Mas ela não amou. Eu falei pássaro, ela entendeu pedra.

Essa história me lembrou uma outra acontecida há mais de um século (não é curioso que nada há de novo sobre a terra?) Ele, homem das alturas, pássaro louco amante das torrentes e dos abismos. Ansioso arqueólogo da alma. Ela, mulher segura, experiente, sabia o que queria, racional. Ele propôs a beleza, a leveza e a ternura mas ela não pode aceitar. Beleza, ternura e leveza só sobrevivem na intempérie, no turbilhão, na arena trágica e bela do mundo da fantasia. A fantasia é a forma mais profunda de realidade. Mas é preciso muita coragem para embarcar nesse assustador e enorme talvez.

A história que contei é a história de Nietzsche e Lou Salomé. Ele disse: “Vem comigo! Por onde ando os caminhos são solitários sim, mas há tanta beleza que você corre o risco de explodir como um vulcão em atividade. Vem comigo! Nada aqui é seguro, eu sei, mas terá um ganho: você brincará com beija-flores e sorrirá a cada manhã. Dê-me as suas mãos. Vamos

colher morangos e brincar com os girassóis. Você sentirá a brisa fria no rosto. Ficaré calada como se estivesse ausente- nós vivemos é das ausências – e mergulhará no sentido de todas as coisas”. Ela respondeu: “Bobo. Volte ao mundo real. Desça a sua montanha e aprenda a viver.” Foi embora e preferiu Freud.

Certamente você já ouviu falar de Nietzsche. E de Salomé? Você já tinha ouvido falar nela? Claro que não. Ela só ficou para a história por causa de Nietzsche, esse ingênuo que via o mundo do alto da sua montanha. Que estranho isso não é? Que ele tenha sobrevivido ao tempo... eterno. No entanto, ela....

Nietzsche morreu louco e não poderia ser de outra maneira. Como manter a sanidade em um mundo que prefere somente a opacidade do real? Como se manter são em meio a essa multidão de seres racionais em procissão louvando e canonizando a experiência, como se ela por si só nos ensinasse o caminho do arco-íris? Como manter a normalidade diante da aceitação subserviente do que apenas aparece, o mundo que é? Ele não vivia o mundo que é. Ele vivia o mundo que não é: “Eu agora amo somente a terra dos meus filhos, no mar mais distante”. Por isso explodiu. Sua música interna era bo-

nita demais. Seu corpo não suportou. Quis compartilhar essa melodia com a humanidade, mas ela preferiu o arrastado grunhido unifônico que abafa todo tipo de sentimento humano. Tentou desesperadamente indicar os caminhos do coração. Não foi possível. Riram dele como sempre fazem os eternamente corretos.

Li em algum lugar

sobre uma história de um namorado que deu um buquê de cebolas para sua namorada. Ela ficou indignada e jogou-lhe o buquê na cara. Tola. Não entendeu nada. Nunca viu “O carteiro e o poeta”. Não se deliciou com “A festa de Babete”. Não levou a sério a advertência da Adélia Prado: “Aquele que entende só o que é falado ou escrito, não entende coisa alguma. A letra mata”. Ele disse: “Você é diferente de todas as outras. A elas eu dei buquê de flores, mas você não é como as outras. Você é de outra substância”. Que pena que ela não leu Pablo Neruda (Quem não leu, leia “ode à cebola”, quem sabe poderá perceber a leveza que pode morar num buquê de cebolas).

Acho que foi isso que aconteceu com Nietzsche. Ele deu um de cebolas para Lou Salomé. Ela preferiu buquê de flores... Normal demais, comum demais. Tinha mesmo que se apaixonar por Freud.

Como se manter são em meio a essa multidão de seres racionais em procissão louvando e canonizando a experiência, como se ela por si só nos ensinasse o caminho do arco-íris?



PARA QUEM TEM POUCA GRANA

§ Livro novo é artigo caro. Então, aos sebos! Em Caxias do Sul (RS), vale conferir o sebo “Livraria da Marquês”, na rua Marquês do Herval, 1131, no centro da cidade.

§ Uma boa loja para as pobres e nojentas é a Rosa Monteiro, que fica na rua 7 de Setembro, 125, em Florianópolis. Tem roupa bonita, e as vendedoras atendem bem, com simpatia não muito comum no comércio da capital catarinense.

§ Também em Florianópolis, a feira da Catedral, às quartas e sextas, reúne artesanato de todo o tipo. Os artesãos Glauco e Daniela vendem murais e porta-retratos bem coloridos feitos de metal. Os imãs tem formato de peixe, cavalo-marinho... Coisa linda para dar de presente.

§ *Ricas e Famosas* foi um filme dos anos 80. Se *Pobres & Nojentas* virasse filme, roupas e acessórios seriam comprados em sebos e os móveis para as cenas numa loja de usados!

Assine *Pobres & Nojentas*

5 edições (bimestral): R\$ 22,50 (estão inclusas as despesas com o Correio)

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)

Um lugar ao sol

O Parque da Luz, na cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz, nos altos da rua Felipe Schmidt, é uma das últimas áreas verdes do centro de Florianópolis. São 115 espécies vegetais e, desde 1987, já foram plantadas mais de 2.150 árvores e arbustos. Uma das mais vistosas é o mulungo, nativo da mata atlântica, que atrai beija-flores e ajuda a evitar a gripe.

O parque também exibe amendoeiras, begônias, guarapuvus e até pau-brasil. Perto da rua Felipe Schmidt há uma velha figueira que foi salva de um incêndio. Outras atrações são a galeria de pedras, os totens e o mirante, de onde se avistam as pontes e o “Gigante Adormecido”, formação rochosa que faz parte do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Em dia de sol, a paisagem merece a fama da capital catarinense.

Leitura

Um bom livro para compreender a luta entre os interesses públicos e privados pela apropriação do espaço urbano de Florianópolis é *Florianópolis do outro lado do espelho*, da Editora da UFSC, organizado por Margareth de Castro Afeche Pimenta.

Olivancillaria

Por Maria de Fátima Barreto Michels

Cloreto de sódio

Mar... Vida !

Sal

Mar... vada !

Buz-Ela, búzio, cheiro-sabor

Concha de carne

Concha de mar

Pétrea polida

Língua-marmórea-brilhante

Concha de amor !

Tatuí, tatuí...

Luta renhida rolou ralou

Tá...na salmoura...

Ta Tu, ta Tu , ta tu... ta tu.. ta tu...

Tatuíra virou comida! Tá tu ta tu...

Lá na salmoura... ta tu ta tu

Só na salmoura... ta tu... ta tu...

Tatuíra vira comida!

